https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v12.n1.2022.05

# CAMINHOS DA ESCOLA: DEPOIMENTOS E FOTOGRAFIAS

## *SCHOOL PATHS: TESTIMONIALS AND PHOTOS*

THALITA SOUZA

**RESUMO** Este ensaio em forma de caminho percorrido, faz uma narrativa acerca do meu trajeto enquanto viajadora e mestranda, até a ligação feita com a minha realidade escolar como professora. Partindo dessa bifurcação entre os caminhos, apresento uma descrição sobre um trabalho artístico de fotografia desenvolvido pelos(as) meus e minhas estudantes dentro da percepção dos(as) mesmos(as) sobre os seus caminhos escolares. Nas linhas do texto a seguir explicita-se a importância dos estudantes na construção da escola pública e traça um paralelo com a vivencia acadêmica e de viajante da professora que ele escreve.

**Palavras-chave:** Professora; estudantes; fotografia; processo artístico;

***ABSTRACT:*** *This essay, which has the form of a traveled path, is a narrative around the path trodden by the writer as a traveler and master's student and it goes through the reality of the school life as a teacher. From this bifurcation between the paths a description is presented with the photographic work developed by the students within the perception of themselves about the scholar paths. In the lines of the following text the importance of the students in the construction of public school is explicit, and a parallel is outlined with the academic life and traveler of the teacher who writes it.*

***Keywords:*** *Teacher, students, photograph, artistic process*

## TRAJETO INICIAL

**Do começo:**

> Onde começa? Os músculos se flexionam. A perna, um pilar, sustentando o corpo ereto entre o céu e a terra. A outra, um pêndulo, vindo de trás. O calcanhar toca o chão. Todo o peso do corpo oscila e passa para a planta dianteira do pé. O dedão toma impulso e o peso, em delicado equilíbrio do corpo, é transferido mais uma vez. As pernas trocam de posição. Começa com um passo, e outro, e outro ainda [...] (SOLNIT, p.01)

Passo a passo, os pés se movimentam, as rodas giram, o embarque é anunciado. As horas passam, os minutos desaceleram, o sono chega. São 600 km, que começam com uma caminhada da cama até o banheiro, são 23:00 horas da noite, o cansaço e o sono dominam o corpo, esses primeiros passos são dominados por uma sensação enorme de cansaço. Malas prontas, beijos ocorrem nos pedaços de coração que ficam, mais passos, o portão se fecha, o carro, as rodas giram, a paisagem noturna exige cuidado, atenção. Rodoviária, carrega mala, passos, compra de passagens, passos, espera, passos, embarque.

No ônibus, as rodas giram, ouço choro, ouço conversas, ouço namoros, vejo pela janela o mundo noturno, luzes, carros, velocidade. Sono, adormeço.
São 9 horas, estou na ilha da magia, uma ponte, um elo, um sonho. Tá tudo parado, o tráfego é sempre intenso, os passos feitos por motores e rodas que giram são lentos, me atormentam. Na ponte, tem chuva, tudo para, tem sol, tudo para, tem acidente, tudo para. O tempo se recusa a passar, o destino se recusa a chegar, e eu estou nesse caminho já há 600 km.

Destino, rodoviária, mala, passos, terminal, lotação lotada, suor, cansaço, euforia, passos. Faculdade, UDESC, passos, sala de aula, rostos desconhecidos aparecem concentrados em algumas carteiras em círculo, professora com um sorriso sincero no rosto. Enquanto no meu rosto há apreensão, medo e no meu corpo descoberta e ansiedade de passos que me levam a outro mundo. Entre conversas, decidimos destinos que vão além do destino já citado, destinos para caminhadas, novamente, passos que me levarão a entender o caminhar, o corpo, os destinos e a poética que existe em sentir os passos, a caminhada, as paisagens e os lugares. O ser no estar.

## A CADA SEMANA UM NOVO PASSO

**Toda semana, o trajeto inicial se repete, sempre há diferenças, as vezes ocorre com paz, as vezes em meio ao turbilhão, sempre nele existe saudades e expectativas latentes. Algumas vezes de carro, outras de ônibus, mas todas as vezes, os passos são trocados e as rodas giram ao som do motor.**

A minha frente encontro uma disciplina que me faz conhecer espaços e paisagens, a cada semana sentir um espaço diferente e questionar os espaços que habitamos e ocupamos diariamente ao andar.

Na disciplina do programa de pós-graduação em Artes Visuais intitulada Seminário Temático/Seminário Especial de Processos Artísticos Contemporâneos: Rastros da Natureza em Pesquisas Poética, aprendo a ouvir minha respiração no meu ouvido enquanto troco passos, nas trilhas, meu coração lateja na cabeça. Em alguns momentos que tive, o cheiro de mato, acalma a alma. A poeira do caminho entope as narinas. Conheço plantas, aprendo para que serve os chás do caminho e o conhecimento ancestral me invade de vontade de deixar de lado os paracetamóis da vida. Conheço a cidade, ando pela ponte, tremo, barulhos me invadem, me atento a vida do trabalhador, a correria, o ritmo lento em contraponto com a ferocidade da cidade grande. Sinto a areia nos pés, o vento arenoso corta o rosto, o barulho do mar me agracia. Sou um ser no espaço, agindo e vivendo um passo, atrás do outro.

Cito novamente Solnit, com a belíssima frase, na qual constata: “Caminhar é uma maneira de garantir um baluarte contra a erosão da mente, do corpo, da paisagem e da cidade, e todo andarilho é um guarda fazendo a roda para proteger o inefável” (2016, p. 32). E assim, fomos andarilhos semana a semana, passo a passo tentando alcançar o inexprimível.

## DAS CONSTATAÇÕES

**Como resultado do seminário, devo apresentar um trabalho artístico e esse ensaio que agora escrevo. Para tal, sento e em um exercício de pensamento, penso em todos os passos dados em todo caminho percorrido.**

Analiso o quanto é necessário entrar em contato com os espaços que habitamos e que nos habitam. Percebo então, que não paro no meu dia a dia para pensar naqueles trajetos que são feitos mecanicamente, que a velocidade do cotidiano não permite que se tenha pausas, que se respire a vida, que se viva os caminhos.

Entre trabalho, estudo, casa, vivo entrando e saindo do carro, as rodas giram, os passos acontecem, mas aí, já não me recordo da respiração, dos cheiros, da sensação dos pés no chão. Constato que vivo no automático e o que me rodeia fica de lado e o espaço é esquecido. Como reitera Solnit:

> Como trabalhadora autônoma e capaz de esbanjar o tempo poupado pela tecnologia em devaneios e divagações, sei que essas coisas têm lá sua serventia e as utilizo – uma picape, um computador, um modem -, mas tenho medo de sua falta de urgência, sua invocação da velocidade, sua insistência em afirmar que o percurso não é tão importante quanto a chegada (2016, p. 30)

A partir disso, me comprometo a pensar nos meus caminhos, a tratar os meus espaços, vistos de forma tão automática, também como lugares a serem sentidos e ocupados. Passo a perceber a importância desses espaços diários que me rodeiam. Sou professora, nessas linhas abaixo, demonstrarei o espaço escolar, os passos dados por mim, e por aqueles que me cercam. Apresento aqui, o escolar, seus sons, suas sensações e seus sujeitos. Me proporcionando a chance de conhecer meu espaço de trabalho e aos estudantes a oportunidade de expressarem o que sentem do escolar.

## DOS CAMINHOS COMUNS

**O corriqueiro normalmente é deixado de lado, a ele não se dá devida atenção. Os sons são ignorados, os cheiros por vezes desagradam e incomodam, por isso, também ignorados. As músicas são ouvidas sem que se entenda a poesia ou se sinta a batida. Os pensamentos aceleram e os dias, os minutos, os passos se esvanecem no ar. O significado dos percursos são perdidos.**

Na escola, os sons podem ser ensurdecedores, os sentidos sempre estão aguçados, as conversas e o contato humano são latentes. O espaço é percorrido passo a passo, muitas vezes desviando obstáculos, pessoas no caminho.

Andar às cegas nesse espaço, é negar nele o que é latente, é não perceber que o espaço escolar é ocupado e vive além da construção ali existente. São passos, caminhos e vidas de centenas de pessoas, inclusive dessa que essas linhas escreve. Para reivindicar esse espaço me proponho junto aos estudantes a contar a história do lugar que para eles tem significado e ocupar esses espaços, registrando-os no tempo de uma fotografia. Como cita Larossa em seu vídeo aBcedário, na letra K, de oKupação:

> Com K vamos trabalhar com a letra e não com a palavra, porque a K é uma letra inquieta, é uma letra que tem algo de provocadora, indisciplinada, de anárquica, especialmente quando substitui o C e se converte na letra preferida dos OKUPAS com K. Os okupas, com K, escreveriam a eskola com K, educakação com K, biblioteca com K, como se eles convidaram de algum modo, à ocupação da eskola ou se vocês querem, a uma eskola com K, okupada com K (...) fizeram isso para reivindicar o direito à escola, que não é só o direito a um lugar, mas o direito a um tempo e também o direito a umas materialidades. Então, o que os alunos reivindicavam era seu direito a ser estudantes: "queremos ser estudantes e não mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros, queremos ser estudantes e não capital humano" isto é: "durante um tempo de nossa vida queremos ter tempo para estudar" (LAROSSA, 2017)[7]

Imobilizando o tempo, ocupando os espaços, demonstrando sentimentos, as linhas que seguem narrarão o espaço escolar, suas pessoas e seus lugares.

## DO INDIVIDUAL

**O meu trajeto na escola quase sempre ocorre da mesma forma, almoço correndo, pego os materiais, entro no carro, esqueço o apagador. Aperto o interfone, me recosto por alguns minutos na sala dos professores, relembro o conteúdo, verifico o horário, penso nas turmas que por alguns minutos "enfrentarei" e o sinal toca, é estridente, me dirijo a primeira aula, ouço pelos corredores: "boa tarde professora!" "Está bonita hoje" "Por que não faltou?" em meio a esse turbilhão de perguntas, barulhos, risadas, interações, chego à sala. Lá, naquele lugar onde desempenho o meu ofício, fico parada na porta, esperando que os es-**

[7] Disponível em: https://youtu.be/5FtY1psRoS4 Último acesso: 28/01/2019 as 16:05

**tudantes se sentem, se acalmem, depois de muitos cumprimentos, me sento a mesa.**

O dia de uma professora é sempre fracionado em minutos, tudo ocorre de 50 em 50 minutos e começa quando o sinal toca, o barulho desperta para o ofício que ali se iniciará, o percurso nunca é o mesmo, as pessoas nunca estão iguais, um dia separado em minutos que está sempre repleto de descobertas.

Relembro aqui que certa vez estava saindo da sala de aula, logo que o sinal bateu, uma aluna veio falar comigo, digo a ela: "Estou apressada! Já estou indo para a sala, assim que explicar o conteúdo converso com você!". Ela, por sua vez, enxugou uma lágrima, e eu, me senti uma péssima pessoa. Chego a sala, novamente espero os alunos sentarem, dando o tempo necessário para que eles entrem em um momento de suspensão, faço a chamada, começo a aula. Uma aula dinâmica em que falava sobre o início do cinema, contava sobre a história das imagens sequenciais e da corrida de cavalos. Pedi a eles que fizessem a tentativa no canto do caderno, para ver se as imagens se movimentavam. Nesse momento lembro de minha aluna agoniada, me escutando por 40 minutos e vou até ela, ela por conseguinte, está desenhando no canto do caderno, uma carinha triste que ao folhear das páginas se torna feliz, e me diz: "Não precisa mais Pro..."

Conto isso para evidenciar aqui o motivo desse trabalho, a vontade de elucidar os caminhos trilhados na escola, dos sujeitos que fazem dela esse lugar: os estudantes. Saviani coloca que: "Educação é o ato de produzir em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens" (SAVIANI, 2013) e também, "a forma pela qual o homem apreende o mundo, expressando a visão daí decorrente de distintas maneiras."(2013, p.7), espero corroborar nesse trabalho, os tantos olhares sobre a escola, expresso através de fotografias realizadas pelos estudantes, narrarei os percursos deles e junto a eles seus anseios, sonhos, conquistas. Deixo claro, que não estou dando uma oportunidade a eles, as vozes deles já ecoam nos corredores, já gritam a sociedade, estou dando chance a você leitor, que a tanto não percorre os corredores escolares de vivenciá-los junto ao olhar dos meus alunos e alunas.

Antes do próximo capitulo, devo fazer uma pausa, pois, novamente o sinal toca e aqui aí está a minha brecha, o meu ato, sairei agora da sala dos professores carregada com minhas bolsas, livros, giz na mão, sorriso no rosto, olhar de cansaço, e nesse momento, provavelmente como em muitas ocasiões serei arrebatada: pelo barulho, pela correria, pelas risadas, pelo cheiro da canja, pelo inesperado, e, entrarei na sala de aula ...

## AS VOZES

**Começo a aula explicando um pouco aos estudantes sobre a fotografia e o instante fotográfico, conto que a fotografia é uma forma de se captar e eternizar momentos e sendo assim, pode possibilitar que eles representem a realidade que os cerca, digo para registrarem com a câmera o lugar da escola que para eles tenha um sentido, o lugar que de alguma forma tocou a sua existência. Falo sobre os caminhos e como vivenciamos os lugares sem nos dar conta, digo então que registrem um pedaço de sua história.**

O instante fotografado e imortalizado na fotografia não traz consigo a complexidade do vivido, nem tampouco a totalidade do experimentado, mas remete a fragmentos da história vivenciada em determinado espaço e tempo.

> Todas as velhas fotos nos enternecem. Um instantâneo considerado feio ou mal tirado na hora aparece um dia como um documento insubstituível. A fotografia combina a grande arte e o valor documental. É um eterno apelo ao sonho e à recordação, um instrumento de crítica social. (TOSCANI, 1986, p76)

Nesse momento, tiro minha polaroide da bolsa, vejo olhinhos brilharem, vejo expressões que demons-

tram curiosidade. Mesmo que todos estejam com seus celulares em mãos, percebo que o que apresento a eles é algo novo, semelhante a um instrumento mágico. Explico que cada um terá direito a apenas uma foto, que devem cuidar com o ângulo e com a iluminação, me olham preocupados. Quando relato que a fotografia sairá imediatamente, vejo bocas se abrindo com admiração.

Peço que junto as fotografias, cada um me entregue um relato pessoal sobre o motivo de ter escolhido esse lugar e do caminho que trilha na escola. Nesse momento, Patrick, um menino muito bagunceiro, que desempenha pouca coisa do que é proposto, estranhamente levanta a mão. Peço para que fale e ele: "Pro, gostaria que essa câmera me desse a possibilidade de abrir uma porta no céu, para que pudesse tirar uma foto com meu irmão, mas a escola sem dúvida me deu uma chance para voltar a ter vontade de viver". Patrick não tira nenhuma foto, mas seu depoimento demonstra a importância do escolar na vida desses jovens. Patrick Registra seus amigos, o seu bonde:

Do Bonde, 2018

Talvez, a escola seja como um suspiro de alívio em meio ao sopro do furacão que cerca os estudantes fora dos corredores escolares.

Nesse momento os alunos se reúnem em grupos, vejo uma certa disputa para sair antes do que os outros, peço para que dialoguem e entrem em um acordo, pois todos terão a oportunidade. O olhar de expectativa que me lançam é de certa forma encantador. O primeiro grupo sai, retornam muito tempo depois, percebo o quanto estão animados e nas fotografias tiradas vejo que realmente caminharam pelo espaço e retrataram o lugar que para eles realmente tinha relevância. Tivemos fotos da merenda, dos livros, do esporte:

Do sonho, 2018

Do time, 2018.

E assim a aula continua, os grupos vão saindo e retornando, vários sinais vão tocando, a cada retorno, histórias são contadas, falas são atravessadas e imagens vão mostrando as vivências dos sujeitos da escola.

## PALAVRAS SOLTAS

**Os estudantes fazem parte desse lugar, e a ele suas histórias estão entrelaçadas, mas, o fato de se fotografar no lugar escolhido traz a eles uma ideia de pertencimento. Os caminhos do seu cotidiano sendo encontrados a cada clique da câmera, sendo recortadas para dar lugar ao registro da memória, faz com que pertençam mais ativamente ao mundo que os cerca e possam através do olhar relatar o que para eles ali é relevante.**

Na volta para a sala de aula, o barulho domina o ambiente, entre eles surgem frases soltas, que revelam muito do que a câmera captou.

*"Professora arrasei nessa foto, olha que linda"*
*"...tiramos com os amigos, são eles que vamos levar para a vida"*

Da Amizade, 2018.

*"...olha o que fizeram com nossa sala de teatro, absurdo"*
*"Essa faixa tá escrito medo, tá vendo Thali? Cortei a palavra, fiquei na frente...da época da ocupação"*
*"...somos muito bff, será que ficou muito tumblr?"*

Do Elo, 2018.

*"... tiramos dos prêmios da fanfarra, já ganhamos tantos"*

Das Conquistas, 2018. Do orgulho, 2018.

*"... a pro, não preciso nem falar né, a senhora já sabe o que fazemos aí"*
*"... as vezes tem que desanuviar né pro, daí damos uma escapadinha"*
(ALUNOS E ALUNAS, 2018)

São muitas as falas que me encontraram nesse dia, a memória falha ao relatá-las agora. Porém, acredito que seja fiel da minha parte ao dizer, que repercorrer os caminhos da escola, tão pulsante na realidade deles, fez com que brotasse neles a sensação de pertencimento, o lugar se tornou ainda mais deles. As imagens podem suscitar essas falas:

Das asas, 2018.

Da leitura, 2018.

Do nosso lugar Das nossas pessoas, 2018.

## DEPOIMENTOS

**Junto a esse texto apresento também um álbum de fotografia, com todas as fotos tiradas pelos estudantes nesse trajeto aqui descrito. Os títulos das fotos são inspirados nos depoimentos que eles me entregaram por escrito em pedaços de papéis mal recortados.**

Sendo assim, para concluir esse ensaio feito em forma de caminho percorrido, por mim, por eles, por elas, por todos, escreverei nas próximas linhas uma seleção de alguns depoimentos, tal qual, eles escreveram[8] e em minhas mãos confiaram. Tomo a liberdade de a conferir a esses depoimentos a sua importância devida, e pedir ao leitor e a leitora que se atente a profundidade existente nessas palavras singelas que a partir de sua sinceridade muito demonstra da realidade escolar.

Com a palavra meus alunos e alunas:

"Ano passado no último dia de aula quando estava chovendo muito, e a gente foi correndo brincar na chuva, onde pingava na lateral da sala, foi muito bom!"

"Quando as tias do lanches fizeram pavê foi marcante porque é bom :) "

"Um beijo atrás do colégio"
"Melhor coisa que me aconteceu foram as amizades que fiz durante esse ano no colégio."

"O dia que eu entrei na fanfarra, conheci pessoas incríveis, tive experiências maravilhosas, e as viagens muito top."

"um momento bom foi que na escola pude conhecer pessoas maravilhosa. Como minhas melhores amigas aryhh e arih com quem eu posso contar sempre."

"eu me solto, eu me divirto, a gente passa altas vergonhas mas amo todos e todas"

"quando minha família com outros pais fizeram uma surpresa para receber os alunos da fanfarra, após ficarem 3 dias longe de casa e ganharam um prêmio"
"foi quando eu estava com meus amigos e eles começaram a falar vou chamar aquela menina para ficar com você daí ela veio começou a conversar comigo ela falou para ir atrás do colégio olhei para atrás de mim ela estava dando risada de mim bateu o sinal entrei na sala fique triste coração destruído em pedaços."

"foi quando conheci meus amigos e as tia do lanche"
"Nessa aula aprendi uma frase da Frida que me marcou, é mais ou menos assim: para que pés se tenho asas para voar"

"Do lado de fora da sala onde fiz teatro, onde conheci pessoas maravilhosas e consegui me conhecer. Foi ali onde eu consegui crescer interiormente e ajudar outras pessoas a crescerem comigo."

"Onde eu fiz amigos e desenvolvi muitas coisas den-

[8] As citações estão escritas exatamente como eles e elas escreveram, portanto, pode haver erros de ortografia.

tro de mim. Me entristece ver esse lugar sem uso e como um depósito."

"Se temos uma biblioteca cheia de livros e um jardim, um ao lado do outro, então temos tudo"

Espero que ao folhear as páginas do álbum o leitor e a leitora encontre o peso dessas palavras e que cada título te remova do seu lugar e possa junto a nós percorrer os caminhos da escola. No decorrer dessas linhas apresento algumas imagens desse álbum e de todas essas lembranças do espaço escolar, espero que possam sentir a escola assim como sentimos nesse trabalho:

Sem título, 2018.

## OS TÍTULOS

**E assim foi, a partir dos passos surgiram as fotografias dos banquinhos, da lateral, de onde se escapa, do esconderijo, das indagações, da crítica, das conquistas, do orgulho, da fanfarra, do som, da paisagem, do elo, do desafio, do time, da união, da amizade, da solidão, do namoro, da fumaça, da leitura, do sonho, da bagunça, do descaso, da merenda, do início ao fim, da lembrança, do medo a luta, das asas, do bonde, do nosso lugar das nossas pessoas. Pois, sem elas e eles apenas rastros do caminho.**

## REFERÊNCIAS:


SAVIANI, Demerval. P*edagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. Ed. Campinas, SP: Autores associados, 2013.

SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar.* São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri.* São Paulo: Ediouro, 1986.

LAROSSA, 2017. Disponível em: https://youtu.be/5F-tY1psRoS4